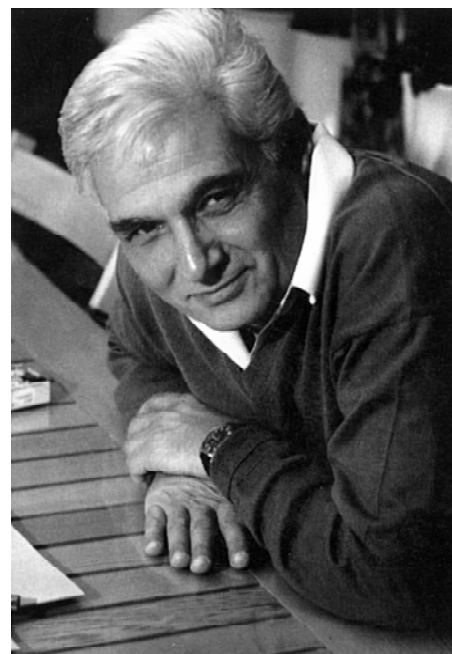
Ivan Teixeira

DESCONSTRUTIVISMO

Desenvolvida a partir das formulações do filósofo francês Jacques Derrida, a desconstrução atribui aos significados a condição de construções culturais, questionando a concepção metafísica de centros unificadores do mundo

Reprodução

O lingüista e filósofo Jacques Derrida

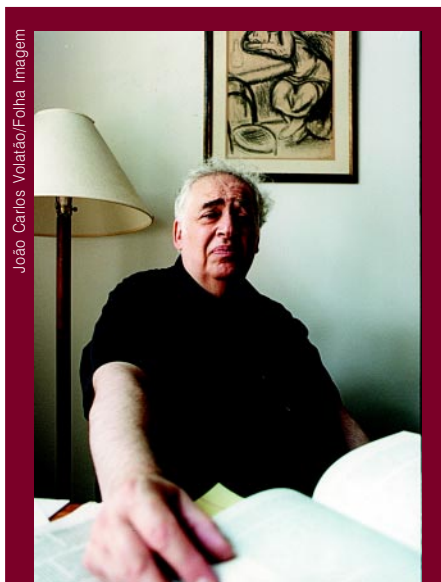
Série destaca as principais tendências da crítica literária

"Fortuna Crítica" é uma série de seis artigos de Ivan Teixeira sobre as principais correntes da crítica literária. O primeiro, publicado no número 12 da CULT (julho), abordou a retórica de Aristóteles e Quintiliano; o segundo texto (agosto) foi sobre o formalismo russo; o terceiro (setembro) estudou o *new criticism*; o quarto (outubro) apresentou o estruturalismo. Na próxima edição, será analisado o *new historicism*. Ivan Teixeira é professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, co-autor do material didático do Anglo Vestibulares de São Paulo (onde lecionou literatura brasileira durante mais de 20 anos) e autor de *Apresentação de Machado de Assis* (Martins Fontes) e *Mecenato pombalino e poesia neoclássica* (a sair pela Edusp). Tem-se dedicado a edições comentadas de clássicos – entre eles, as *Obras poéticas* de Basílio da Gama (Edusp) e *Poesias* de Olavo Bilac (Martins Fontes) – e dirige a coleção "Clássicos para o vestibular", da Ateliê Editorial.

O movimento da desconstrução, representado sobretudo pelo filósofo francês Jacques Derrida, é apenas uma das diversas tendências do pensamento crítico do chamado pós-estruturalismo, dentre as quais se contam também as formulações de Michel Foucault e as do *new historicism*, proposto por Stephen Greemblatt no início dos anos oitenta. A desconstrução passou a tomar corpo como movimento crítico depois da célebre conferência proferida por Derrida na Johns Hopkins University, em 1966, quando o filósofo leu o ensaio "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", que hoje integra o volume *A escritura e a diferença*. Desde então, a desconstrução tem encontrado muita ressonância nos Estados Unidos, assumindo diferentes matizes conforme o autor que se inspire nos fundamentos de Derrida. Assim se explicam alguns trabalhos dos integrantes da Escola de Yale, preocupada em divulgar, comentar, criticar e desenvolver os pressupostos do filósofo francês, como é o caso, em diferentes graus, de Paul de Man, J. Hillis Miller, Geoffrey Hartman e Harold Bloom.

Derrida é ao mesmo tempo herdeiro e crítico do estruturalismo. Começa por questionar a noção de centro no conceito de estrutura. Para o filósofo, centro é tudo o que preside a ordenação dos elementos de um sistema, mas que não participa da mobilidade das unidades que coordena. Nesse sentido, o centro encontra-se ao mesmo tempo dentro e fora da estrutura. Enquanto elemento interno, explica-se por sua condição coordenadora; enquanto elemento externo, explica-se por não participar do jogo e dos riscos do movimento inerente à idéia de estrutura. Em rigor, o centro é uma entidade metafísica, pois possui valor absoluto e independe das contingências do todo. Como toda verdade metafísica, a noção de centro deve ser posta em questão, deve ser desprezada na análise da estrutura de que participa. O centro não é uma

realidade, mas uma construção do pensamento ocidental. O analista deve desconstruir esse construto, escolhendo um enfoque que aborde a estrutura por um ângulo até então secundário na ordem geral das coisas. Toda a filosofia ocidental partilha da idéia de centro, essencialmente vinculada ao princípio de valor e de significado absoluto, característica básica do pensamento metafísico. A noção de centro preside o próprio conceito do ser, determinado pela idéia de presença, de essência, de origem, de finalidade. A história do Ocidente seria uma sucessão de centros inquestionáveis, como Deus, homem, consciência, transcendência, eu, verdade – noções responsáveis pela idéia de centro unificador do mundo. A esse pensamento essencialista e transcendental Derrida chama de "logocentrismo".

Derrida coloca-se contra a concepção logocêntrica do pensamento metafísico. Para ele, o valor do centro é sempre afirmado pelo não-valor de seu oposto: Deus/diabo, homem/mulher, natureza/cultura, fala/escrita, espírito/corpo, inteligível/sensível etc. O pensamento metafísico atribui valor intrínseco aos elementos que compõem essas dualidades, em que se fundamenta quase toda a filosofia européia. Todavia, Derrida não reconhece significado essencial nos elementos desses pares. Nega qualquer verdade transcendental. Aplica a todos os significados a condição de construções culturais, entendendo-as a partir do relativismo da função distintiva do conceito saussuriano de fonema. Isto é, assim como o significante *vaca* se torna perceptível apenas por contrastar com *faca*, o filósofo julga que só se conhece Deus por se tratar de um construto diferente de diabo. Da mesma forma, a natureza só é percebida por se distinguir da cultura, e assim por diante. Por essa perspectiva, pode-se supor também que a percepção de uma montanha só se torna possível por contrastar com a idéia de planície ou de depressão. Como se vê, Derrida é responsável pelo esboço de uma espécie de teoria geométrica do conhecimento, cuja tradição se origina, pela ruptura com os significados universais, em Nietzsche, Freud e Heidegger. Fala-se aqui em teoria geométrica do conhecimento, porque já Luís Antônio Verney divulgava, na época

João Carlos Volatão/Folha Imagem

Harold Bloom, um dos maiores críticos literários dos Estados Unidos, país em que a desconstrução encontra ressonância assumindo diferentes matizes conforme o autor que se inspire em seus fundamentos

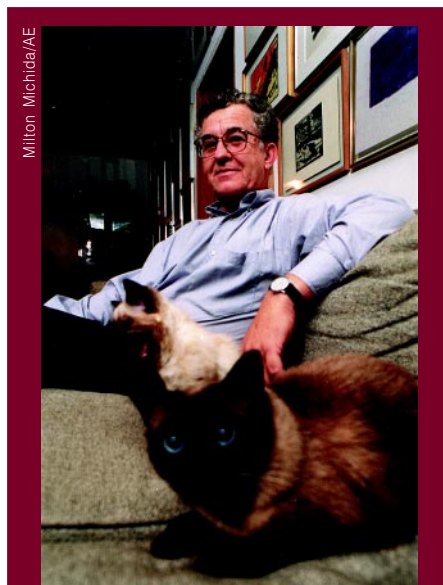
da Ilustração portuguesa, o princípio de que o conhecimento das formas corpóreas depende da percepção da superfície das coisas, de que trata a geometria.

Derrida privilegia a etnologia na formação do discurso das ciências humanas. Observa que, antes de Lévi-Strauss, essa ciência tomava exclusivamente a Europa como origem para qualquer generalização acerca do homem. A Europa era tomada como cultura de referência por princípio. Foi a partir do homem europeu que se formularam todas as conclusões universalizantes (metafísicas) sobre o que se entende por cultura ocidental. Os estudos de Lévi-Strauss provocaram um deslocamento desse foco de atenção: o interesse das pesquisas desviou-se da Europa para culturas consideradas primitivas, sobretudo a partir da análise de mitos sul-americanos. Tal descentramento estabeleceu uma crise na história da metafísica, por questionar a noção de totalidade do humano, concebida exclusivamente com base no etnocentrismo europeu. Além disso, ao desconstruir a noção de etnocentrismo, Lévi-Strauss estaria, segundo Derrida, realçando a necessidade de uma linguagem crítica no discurso das ciências humanas. Antes disso, as verdades do etnocentrismo apresentavam-se como dados da natureza, e não como construtos de ordem cultural. Na prática, isso contribuía para a hegemonia do pensamento metafísico, responsável pela noção da superioridade da Europa sobre os demais continentes.

Outra desconstrução importante operada pelo pensamento de Derrida consiste no questionamento da ascendência da fala sobre a escrita. O filósofo denomina essa hierarquia de "fonocentrismo", entendendo-a como um aspecto do logocentrismo. O pensamento metafísico sempre considerou a fala como elemento mais importante desse par, não só por pressupor a presença do falante, como também por ser considerada a matriz da escrita, que foi interpretada desde sempre como mera reprodução artificiosa do ato natural da fala. Assim, a oposição fala/escrita gera outra dualidade supostamente verdadeira: presença/ausência, que acaba por implicar a superioridade do presente sobre o passado, da natureza sobre a cultura. Eis o que Derrida chama a "metafísica da presença", que o filósofo pretende descons-

truir, invertendo a hierarquia desses pares antitéticos. Esclarece que, tanto quanto a escrita, a fala obedece a um código preestabelecido, que ele denomina "arquiescritura". Trata-se de um código matricial abstrato, do qual nascem as diferenças geradoras do sentido, tanto na língua falada quanto na escrita. A maior conseqüência dessa desconstrução é a ratificação de uma idéia consagrada pela lingüística estrutural, segundo a qual não existe origem absoluta para o significado. Este decorre de relações, e não de essências isoladas: é sintagmático, jamais paradigmático.

O princípio de que o significado decorre de relações possibilita ao teórico a formulação da idéia de suplementaridade, que consiste no pressuposto de que os termos dos pares do pensamento metafísico se complementam mutuamente. Esse princípio não só implica a inversão dos elementos que constituem as relações binárias, mas também permite conceber esses elementos numa dimensão de antítese inclusiva, e não exclusiva. Nesse sentido, o conceito de verdade, por depender do de mentira, contém necessariamente um pouco de seu oposto. Observe-se a idéia do bem. Sabe-se que decorre de Deus, a origem total do ser. A noção do mal vem em segundo lugar e completa a plenitude de Deus, ao mesmo tempo que suplementa e contamina a idéia de bem: pois, caso não houvesse o princípio da Queda, seria impensável o conceito de bem. Vem daí que as antíteses conceituais do pensamento metafísico não passam de construtos culturais. Pertencem à ordem dos signos, e não ao domínio das entidades naturais. Mas qual a vantagem desse tipo de desconstrução para a filosofia da linguagem? Pela perspectiva de Derrida, não só representaria um estágio agudo do exercício crítico no discurso das ciências humanas, como também – e principalmente – revelaria a natureza da consciência humana, que se confunde com a noção de linguagem. Essa perspectiva não admite um centro exterior responsável pela geração dos significados a serem captados pelo espírito humano e "depois" veiculados pela linguagem. Ao contrário, ao criar os significados e o respectivo sistema de signos, o homem estaria forjando a própria consciência, também constituída por elementos contrastivos.

Milton Michida/AE

Há uma nova espécie de desconstrução em andamento no ensaísmo brasileiro, representada pelos textos de João Adolfo Hansen (acima), que utiliza fundamentos do historicismo de Michel Foucault

Como se vê, a linha de força do pensamento derridiano consiste na teoria da diferença, resultante de uma interpretação radical da lingüística de Saussure. Desenvolvendo criticamente a teoria do signo saussuriano, Derrida criou o vocábulo *différance*. Não só para se contrapor ao termo francês *différence* como também para complementá-lo. Trata-se de um trocadilho grafo-sonoro, porque essas palavras possuem grafias distintas e uma só pronúncia. O neologismo do filósofo deriva de *différer*, que tanto pode significar *diferenciar* quanto *adiar*. *Diferenciar* pressupõe a geometria dos corpos, espacialidade, pois o signo se explica pela configuração de seu contrário; *adiar* implica temporalidade, pois o signo também retarda continuamente a idéia de presença. Observem-se os fonemas /b/ e /p/: ambos são bilabiais explosivos. A diferença essencial entre eles é que o primeiro se caracteriza por uma propriedade positiva: é sonoro; ao passo que o segundo, por uma propriedade negativa: é surdo. Por causa de sua condição positiva, a lingüística tradicional tende a atribuir ao fonema /b/ o privilégio do centro. Derrida considera essa conclusão uma construção metafísica, afirmando que a propriedade positiva do primeiro decorre da condição negativa do segundo, assim como o sentido de Deus depende da noção de diabo. O vocábulo *différance* foi inventado para caracterizar esse processo de geração do sentido, em que um significado continuamente se refere a outro significado e a toda a rede de significados da língua, processo também designado de suplementaridade do signo.

As práticas de Derrida orientaram-se sobretudo para sistemas de interpretação, e não propriamente para obras literárias. Fundam-se principalmente em análises de pensadores como Platão, Rousseau, Nietzsche, Husserl, Freud, Marx e Lévi-Strauss. Evidentemente, o filósofo deteve-se também em textos ou concepções artísticas, como é o caso de seus estudos sobre Antonin Artaud e Mallarmé. A partir daí, os sistematizadores da nova teoria estabeleceram alguns passos para a abordagem desconstrucionista do texto literário, como a seguinte, elaborada a partir de sugestões de Charles E. Bressler e Jonathan Culler: (1) descobrir as

operações binárias que estruturam o texto; (2) comentar os valores, os conceitos e as idéias que subjazem a essas operações; (3) subverter as operações binárias existentes no texto; (4) desconstruir as concepções implícitas no texto; (5) a partir das novas relações binárias, admitir a hipótese de uma terceira saída e de outros níveis de significação; e (6) deixar em aberto a interpretação do texto, supondo-se o princípio de que o significado é sempre móvel, múltiplo e ilimitado.

No Brasil, Derrida foi muito bem-recebido a partir dos anos 70, como deixa ver, por exemplo, o útil *Glossário de Derrida*, elaborado por alunos da PUC-RJ, sob a supervisão de Silviano Santiago. Haroldo de Campos aplicou princípios do filósofo francês em seu *O seqüestro do barroco na literatura brasileira: O caso Gregório de Matos*, com o propósito de rever alguns aspectos da teoria formulada por Antonio Candido na *Formação da literatura brasileira*.

Registre-se, por fim, que há uma nova espécie de desconstrução em andamento no ensaísmo brasileiro, representada sobretudo pelos textos de João Adolfo Hansen. Desta vez, os fundamentos já não decorrem de Derrida, mas do historicismo de Michel Foucault, para quem cada época possui uma episteme específica e intransferível. Foucault entende por episteme o padrão que unifica a diversidade de discursos de uma época. A partir daí, a produção de um autor passou a ser entendida como a apropriação singular dos discursos coletivos de seu tempo. Em função disso, reinaugura-se o esforço pela reconstrução das formas mentais do passado: redesenha-se o espaço da arqueologia, que conduz ao abandono de certas generalizações que procuram unificar a diversidade da história a partir de categorias do presente. É o que se observa, por exemplo, com o conceito de escola literária. Boa parte dos chamados estilos de época não passam de discursos atuais voltados para a anulação da diversidade de práticas do passado. Paralelamente, recusa-se a leitura sincrônica das formas literárias, em franco progresso em outros setores da produção cultural brasileira. Uma possível alternativa contra essas supostas formas anacrônicas de leitura tem sido o estudo das poéticas, que faculta a apreensão da diversidade sem desconsiderar a unidade específica de cada período. Tal estudo pressupõe o conceito de história literária como a contínua reapropriação dos diversos discursos do homem. Nesse sentido, o passado não atua sobre o presente; o presente é que se apropria do passado como forma de legitimação do ponto de vista segundo o qual se emitem os juízos.

Luciana Whitaker/Folha Imagem

Nota-se que as idéias de Derrida foram bem-recebidas no Brasil pelo aparecimento do *Glossário de Derrida,* organizado por Silviano Santiago (ao lado), e pela aplicação de princípios desconstrutivistas por Haroldo de Campos

BIBLIOGRAFIA

• *A escritura e a diferença*, de Jacques Derrida. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo, Perspectiva, 1971.

• *Gramatologia*, de Jacques Derrida. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Perspectiva, 1973.

• *Glossário de Derrida*, supervisão de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

• *Critical theory & practice: A coursebook*, de Keith Green e Jill Lebihan. London, 1997.

• *Fifty key contemporary thinkers: From structuralism to postmodernity,* de John Lechte. London/New York, Routledge, 1996.

• *Literary criticism: An introduction to theory and practice*, de Charles E. Bressler. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1994.

• *On deconstruction: theory and criticism after structuralism*, de Jonathan Culler. Ithaca, New York, Cornell University Press, 1992.

• *Literary theory: a very short introduction*, de Jonathan Culler. Oxford/New York, Oxford University Press, 1997.

• *A reader's guide to contemporary literary theory*, de Raman Selden e Peter Widdowson. New York/London, Harvester Wheatsheaf, 1993.